

PLANO DE AÇÃO EMERGENCIAL PARA A ATENÇÃO À SAÚDE DAS COMUNIDADES YANOMAMI - DEPOIMENTO DO Dr. HENRIQUE PENNA MEDINA, abril/mayo de 1990, pista do Jeremias

Trabalho na S. Saúde de São Paulo, em Piracaia. Faz alguns anos que tenho contato com a questão indígena. Em fevereiro de 1990, o Meirelles, antropólogo amigo de amigos meus, estava compondo uma equipe de saúde para ir prestar assistência aos Yanomami. Tinha conseguido três auxiliares de enfermagem mas não médico. Então ele soube que eu era interessado em trabalhar com índios e me telefonou. Apesar de estar com dificuldades de sair naquele momento disse que havia possibilidade de ir, isso ocorreu antes do carnaval.

Depois do carnaval ficou acertada minha ida e passei a fazer contato direto com a FUNAI de Brasília, por telefone: confirmando passagem, diária, etc. Eu sempre querendo saber mais informações sobre o trabalho que iria fazer, como estava a situação.. Eles dizendo que lá em Boa Vista os médicos da FUNAI dariam toda informação- o Dr. Oneron, foi o único que me deu informações sobre as áreas alvo, a situação que estavam os índios, etc. Falei também com o Dr. Mauro, que me pareceu desinformado.

A minha vinda foi através de autorização concedida pelo Sr. Secretário de Saúde do Estado de São Paulo à FUNAI, que pagou as passagens e vinte e nove e meia diárias.

A viagem estava prevista para 15 de março. Eu até perguntei para o pessoal da FUNAI se não seria pretensão marcar viagem no mesmo dia da posse do presidente eleito. Mas foi adiada essa primeira data e depois veio o plano econômico - o que me deu uma sensação muito ruim pois parecia que a FUNAI achava que a gente estava à toa, podia pegar um avião e sair, num plim plim.

Então foi transferida para o dia 21, por causa do plano, se os bancos abrissem... Os bancos abriram mas foi adiado de novo, não entendo como é que funciona. Foram adiando várias vezes até o fim de março. Deu pra perceber que ninguém iria viajar até o início de abril mas eles insinuaram para eu ir antes e ficar trabalhando na casa do Índio porque tinha muito índio doente lá...Tinha uma reunião marcada com a Dra. Graça em Brasília para o dia 3 de abril, que foi adiada e depois transferida para Boa Vista.

Decidi sair de São Paulo. Peguei o avião no dia 31 de março e cheguei em Boa Vista no dia primeiro de abril. Na FUNAI tinham insistido muito pra gente avisar antes de viajar, para o pessoal

da FUNAI de Boa Vista esperar no aeroporto.

Quando cheguei no aeroporto não tinha ninguém e eu não conhecia nada lá. A orientação deles era para eu me alojar na Casa do Índio que fica há uns 15 Km da cidade e que não tem condições de alojar ninguém, além de ser um foco de malária. Encontrei no aeroporto outros colegas que também estavam chegando e estavam na mesma situação.

Os atendentes de Franca tinham chegado há alguns dias e eu tinha combinado com o Meirelles de ficar responsável por eles. Demorei 3 dias para localizá-los porque na FUNAI ninguém sabia onde eles estavam ou se sabiam não quiseram informar. Depois descobri que eles estavam na mesma casa do administrador Regional da FUNAI de Boa Vista. Achei muito estranho essas coisas todas.

Nos dias seguintes, 2, 3 e 4 fizemos várias reuniões para distribuir as equipes - 3 ficariam na área e a 4ª seria volante. A constituição básica de cada uma seria: atendente de enfermagem, intérprete, microscopista, guarda sanitário e médico. As áreas seriam Surucucu, Paapiu e Jeremias.

Minha equipe ficaria em Jeremias, que segundo as informações recebidas pelo rádio, tinha mais de 150 índios lá, que ficavam em cima da microscopista enquanto ela examinava as lâminas, que a situação estava terrível, com muita malária. O administrador, Sr. Francisco, até sugeriu que eu fosse lá e voltasse no dia seguinte, "só pra dar uma olhada".

Depois de muita reunião foi feita a divisão das equipes e marcada a ida para a área no dia 4 de abril, das equipes do Paapiu e Jeremias. Fomos para o aeroporto e não tinha aeronave da FUNAI, era um hangar de garimpeiro, do José Altino Machado, com ele próprio dirigindo o embarque. Tinha garimpeiro, comida para levar - farinha, charque, pra ir pro garimpo.

Ficou uma situação muito estranha, a gente indo pras pistas onde estavam sendo retirados garimpeiros nos aviões de garimpo... Algumas pessoas das equipes se recusaram a embarcar nessas aeronaves por questões de segurança e éticas. O que aconteceu lá foi que mudaram o que tinha levado 3 dias pra organizar, à revelia das pessoas envolvidas, com critérios indefiníveis. Parte da minha equipe acabou indo para Jeremias e, como não deu pra pouso, foi para Surucucu, num avião da FUNAI conseguido na mesma manhã - esse avião teve problemas e foi para conserto várias vezes. Deve estar até hoje lá no Jeremias onde fez uma aterrissagem mal - parece até de propósito.

Foi nessa viagem um atendente de Franca e um da FUNAI, o guarda sanitário e o microscopista da SUCAM. Ficamos eu e o intérprete. No dia seguinte o intérprete embarcou junto com a equipe do Paapiu no avião da FUNAI que iria de lá para Jeremias. Aí o avião teve uma pane num dos motores e ficou lá, voltando no dia seguinte para Boa Vista; o meu intérprete ficou no Paapiu.

No dia 6 de abril fui para a área junto com a equipe de Surucucu e o microscopista do Paapiu. Eu iria resgatar minha equipe que estava ainda no Suru-

ficou, deixar o microscopista do Paapiu e lá esperar o meu intérprete indo então para Jeremias com a equipe completa.

Só que ficamos na dependência de carona dos aviões de garimpeiros. Fiquei 4 dias em Surucucu - não estava na pista quando pousou o avião. E quem pode subir, foi para Jeremias. Cheguei lá de carona com um helicóptero F.A.B, depois de 20 dias esperando no sul, 5 dias em Boa Vista e 4 dias em Surucucu.

O meu interprete ficou em Paapiu fazendo as vezes do chefe do posto, que tinha ido para Boa Vista e voltado para a área, só que para Surucucu. O chefe do posto do Paapiu ficou o tempo todo lá, não voltou para o Paapiu. E o intérprete do Jeremias chegou de Paapiu quase no fim da etapa, ficando conosco apenas três dias.

Chegando no Jeremias vi muito material de garimpo ao lado da pista - lá era o ponto de retirada dos garimpeiros-, tinha policiais federais que estavam em final de missão e seriam substituídos por nova equipe, a minha equipe - sem o intérprete - e mais tres elementos da FUNAI: Severino, da área Macuxi, que administrava alimentos e essas coisas: um cidadão de nome Eleton, com marcantes sintomas psicopáticos e distúrbios de comportamento graves, e sua esposa, Francisca, que fazia de tudo quando não tem ninguém lá: diagnósticos, lâminas, tratamentos. E mais um casal de cozinheiros que prestavam serviço à FUNAI, ambos do Amazonas.

Haviam poucos índios. Segundo o técnico indigenista Eleton, estes teriam ido embora para fazer a cerimônia funerária de um índio que havia morrido em Surucucu. Esse índio tinha sido removido para lá e a F.A.B prometera / trazer o corpo, o que não fez. Os parentes foram buscar o corpo a pé estando muito revoltados, houve confusão e eles se dispersaram no mato. Ficaram poucos nas proximidades da pista, nós ficamos ociosos por muito tempo.

Como não tinha transporte não fomos para as malocas afastadas. Em BVB, ficou acertado que helicópteros da F.A.B ficariam baseados em Surucucu para a operação saúde. Eles de fato estavam lá, até peguei carona num. Mas conversando com os pilotos fui informado que não tinham autorização para trabalhar com as equipes de saúde, mas apenas com a Polícia Federal na operação retirada de garimpeiros. Mas se havia esta autorização era muito restrita, por que eles não apareceram mais lá em Jeremias a não ser uma vez - um Caravan, que trouxe a nova equipe da Polícia Federal e levou garimpeiros para Boa Vista.

Com relação ao pessoal da FUNAI, houve rejeição com relação à equipe. Nos trataram como intrusos.

O pessoal técnico não tem a mínima habilitação. Estão acostumados a ficarem jogados no mato, sozinhos, resolvendo algumas coisas mas sem saber bem como. Não tem noção da medicação que usam, mal sabem o nome comercial. Para exemplificar :certo dia chegou um caso grave durante a madrugada e não me comunicaram. Quando fui ver a "enfermaria", o índio ja estava sendo medicado pela atendente da FUNAI, de Brasília, Nilma, que avaliou o caso, fez o diagnóstico e prescreveu soro glicosado e varias drogas - eu estando a 100 mts - a mim

pareceu que a intenção era melhorar o caso e mostrar que médico é desnecessário. Quando vi o que estava acontecendo chamei a atenção dela, não admitia esse tipo de conduta já que eu estando lá era o responsável. O caso era gravíssimo, pré-coma malárico com desidratação de 3º grau, uma criança de mais ou menos 9 anos, com risco de óbito. A aplicação dos medicamentos estava errada, não sendo indicado soro glicosado em desidratação além de ser necessário uma série de outros medicamentos. Eles não têm a mínima noção das indicações de soro, pra eles soro é soro, não tem diferença entre um glicosado a 5 ou 10 %, um fisiológico, um glicofisiológico.

Com este episódio piorou o boicote que já existia. Os policiais federais colaboraram mais do que os funcionários da FUNAI, através de auxílio na enfermaria, pedido de medicamentos, etc. Aliás, os medicamentos que eles não sabiam usar, como ferro injetável e cloreto de potássio, eram cortados das listas de pedidos enviados para BVB. Para conseguí-los tive de pedir para a Polícia Federal contatar Boa Vista.

Outro fato que ocorreu neste sentido foi a ida do Sr. Eleton, Francisca e o atendente de Franca para uma maloca distante. Não me comunicaram nada e no dia seguinte chegaram 4 índios com uma carta do Eleton pedindo medicamentos injetáveis, soro, scalp, comida, redes, etc. que foram enviados com os mesmos índios que trouxeram a carta. Após 4 dias voltaram dizendo que tinham salvado a vida de muitos índios. Achei muito estranho isso, não sei por que fazer equipes de saúde se esses funcionários resolvem tão bem assim os problemas de saúde da área Yanomami.

Outra coisa estranha foi a abordagem do diagnóstico e tratamento da malária. Primeiro, não havia controle, ninguém falava Yanomami e pra identificar usavam pintar nas costas, com pincel mágico, o número da lâmina colhida. Com os calafrios e suores da malária e os banhos, esse número saía. Aí, se tinha uma lâmina positiva e não se encontrava a pessoa. E quando encontrava era malária por Falciparum usavam apenas uma dose única de mefloquina que não atua sobre a forma gametócita. Ou os índios iam embora sem esperar o resultado da lâmina. Muitos com Falciparum, e os funcionários da FUNAI dizendo para "deixar pra lá, amanhã ele aparece"; muitas vezes eu e o microscopista íamos atrás, onde eles estavam acampados, no mato: teve um caso de F+++ que foi embora e estava com comprometimento clínico que a gente encontrou e tratou. Não dava pra esperar até amanhã porque podia complicar e ir a óbito como um outro caso que tivemos.

[O técnico indigenista Eleton explicava que quando alguém morria todos iam embora porque tinham que caçar, deixar apodrecer o corpo e depois cozinhar a cabeça e fazer uma pasta para passar no rosto. Que não adiantava tentar fazê-los ficar, etc. Nesse óbito, de um chefe, só a família foi embora. E durante o período de coma, este Sr. chegava, examinava, palpava o doente, desacoplava o equipo de soro... fazia-se passar por médico, entendido, parece que para mos-

trar aos índios que era importante, que tinha poderes.]

Nas reuniões em Boa Vista, não foram padronizadas as condutas quanto à malária. Foi tentado exaustivamente pelo Dr. Oneron, Dra. Ivone e o antropólogo B. Albert a necessidade de identificação individual e por grupos familiares além da maloca de procedência. Eu, nas reuniões, acreditava porque me parecia coerente mas só vi o quão importante é isso quando estava na área.

Até desejava que só desse malária por falciparum porque o tratamento era dose única e, pelo menos, se tratava. Introduzi a primaquina e, quando eu solicitava, era feito lâmina de controle de cura. Todos os tratamentos de malária ficou a cargo do microscopista e guarda sanitário da SUCAM, que identificavam, colhiam a lâmina e tratavam. Essa identificação foi conforme citei, e logo teve 250 lâminas: que não significava 250 índios porque teve uma mesma pessoa que foi o número 32, 180 e 250. Uma confusão total. Me dediquei a identificar visualmente as pessoas que estavam em estado mais grave, na enfermaria. Estou acostumado a tratar 35,40 pessoas em enfermaria e gravava quem era pelo quadro clínico, sexo, idade, etc.

Se for analisar o problema da malária em Jeremias teremos todos os ingredientes para a sua perpetuação: a manipulação de drogas fará, com o tempo, aparecer resistência às mesmas - hoje ainda se tem uma droga em dose única para o falciparum, que é a forma mais grave, mas o vivax tem efeito cumulativo na depauperação da saúde pela anemia, desnutrição, etc. e com o tratamento de 14 dias que jamais é feito completo...; tem o vetor com condições de procriar no leito do Mucajaí cheio de lagoas de água parada; os tratamentos incompletos sem uso do gameticida; contamina-se mais mosquitos que irão contaminar mais pessoas que mal tratadas podem selecionar cepas resistentes e aí se vai numa proporção geométrica.

O tipo de assistência, o tratamento, o garimpo, tudo se soma. O garimpeiro, por exemplo, se está com malária não vai ficar afastado de 2 Kg de ouro para se tratar. Como eles mesmo disseram, se tem um barranco que esta "saíndo" que esta dando ouro, eles ficam dia e noite trabalhando enquanto estiver dando ouro - só vão trocando as pessoas dos "par de máquina".

Nós atendemos todo mundo, garimpeiro, índio, polícia federal. Os índios foram para lá, uma grande quantidade, 150 a 200. Nem todos estavam doentes, mas é muito difícil que em algum momento não vão ter malária.

As malocas eram identificadas pela proximidade com pistas de garimpo: os do Julio do Blefe, que foi aonde foi o Eleton; Xidea que era perto das pistas do Casseterita, parece; Macarrão que eu fui, e os índios estavam ocupando os barracões vazios dos garimpeiros, alguns ainda tinham comida, óleo de motores, motores caríssimos - uma soma incalculável de dinheiro. O rio Mucajaí tem ali 3a4 metros e o leito ficou em 70 -100 metros com lagoas num comprimento infinito. Os garimpos fazem gato e sapato do rio. No Jeremias, eles fizeram um traço para deixar um igarapé sem garimpar, para ter água de beber.

Assim
LRTSA

Não quantas pistas tem na área, mas ainda tem muita pista funcionando. A do Casseterita está em franca atividade. O dono da pista do Jeremias parece que é o Lauro. Em geral o nome da pista fica com o nome do dono dela mas neste caso houve um negócio porque esse Jeremias não se deu bem e passou para o Lauro, que tem uma frota de DC3. Ele pousou lá uma vez e recolheu destroços de avião.

As que estão em atividade, que os garimpeiros e a polícia federal falaram são as do Casseterita 1,2,3, a da Viração, do Banana 1,2 e 3. No mapa tem uma linha preta que divide o que é índio e o que é garimpo. Mas está tudo muito perto. Não conheço a área Yanomami mas acho estranho, é tudo muito perto.

Inclusive essa dinamitação, se não houver controle, fica só jogo de cena. Porque está tudo pronto para retirar o ouro. Para fazer uma pista, desce de helicóptero com enchada, machado, arrancam teco de árvore... gastam 10,15 Kg de ouro. E se precisar de mais 10 pra tapar os buracos da dinamitação ele vai lá e tapa, o principal já está feito. Eles mesmo falaram, dando risada, que é só colocar 40 homens com carrinho de mão..

A moeda lá é ouro. A passagem para Boa Vista é 10 gr. Os pilotos riam quando pedia se eles traziam cigarro para mim e ia pagar com cheque. Me disseram que não trabalham com banco.

Na minha volta para Boa Vista eu consegui carona com um avião de garimpeiro que estava passando. A Polícia Federal fez sinal para eles descerem. Tiveram de deixar um garimpeiro que ia pagar. Foi difícil convencer o piloto a me levar de graça, a perder 10 gr de ouro. Após trinta minutos de voo o piloto falou que a gente ia trocar de avião. Eu fiquei com medo porque a pista era deserta, vista de cima. Quando pousamos deu pra ver um barraco meio escondido com um avião. Tinha cinco garimpeiros, eu e o piloto. Quando desceram todos o piloto falou que só tinha pago o de camiseta vermelha; os outros faltava pagar. Aí o piloto falou que eu não pagava, que era médico da FUNAI e os outros foram pra balancinha e pagaram 10 gr de ouro cada um.

Trocamos de avião e de piloto. Há uns 40 minutos de Boa Vista descesmos em outra pista, também meio escondida. Tinha um posto de abastecimento novo, só com os vitrões, com bandeirinhas da Shell novinhas. Encheram o tanque e eu fui entrar no avião por uma porta que não era pra abrir e ela caiu. Tive que vir segurando a porta com o ombro.

Aterrissamos numa fazenda onde pousam os clandestinos. De lá peguei carona numa camionete até uma agência de garimpo na periferia de Boa Vista.

Para ir para a área também foi com avião de garimpeiro. O próprio José Altino Machado ajudou a empurrar o avião. O intérprete de Surucucu, Luis, achou estranho não ter banco, a gente foi empilhado como carga. O piloto falou que quem não paga passagem é que reclama, porque o Luis reclamou dos bancos. Acho que a FUNAI não paga pro Altino. Onde ela ia arranjar 60, 70 gramas de ouro para as passagens cada vez que levou gente para a área? Porque o preço é 10 gr.ca

da pessoa, não tem choro... E no Jeremias tudo chegava com avião de garimpeiros: comida, gente, remédio, combustível. Até remoção de doentes. Inclusive o delegado Orion da polícia Federal, quando foi ver o problema do Paapiu foi num avião do Altino. E trouxe o intérprete e os medicamentos que eu pedi neste mesmo avião.

O delegado foi ao Paapiu porque os índios estavam bloqueando a pista "insuflados" por estrangeiros, um francês. Como eu sabia que havia um francês lá, o antropólogo da UnB que fora chamado em caráter de emergência para ser intérprete devido a falta destes para as equipes de saúde, para prestar auxílio, discuti várias vezes com o delegado e os agentes que achava esta acusação muito estranha. Bastava que os índios associassem as doenças que chegaram com os brancos, associassem essa desgraça que se abate sobre eles com os brancos, que ficariam revoltados.

Os aviões de garimpo faziam umas "pernas" do Jeremias para outras / pistas como a do Casseterita, Banana 3. Levavam bombas. Algumas para Boa Vista que iriam para outros garimpos atingíveis por terra, em Roraima mesmo. Também chegavam coisas de outras pistas para Jeremias. Em geral motores novos, caríssimos. Isso os garimpeiros mesmo me falaram.

Graças a ida da Polícia Federal ao Paapiu, que trouxe o intérprete e alguns medicamentos de urgência podemos fazer alguma coisa a mais. Ficamos a maior parte do tempo sem ninguém se comunicar com os índios, sem eles saberem o que a gente estava fazendo e nós sem saber o que estava acontecendo a eles. Eu fui para a área sem saber como diz dor em Yanomami. E fui tratar a doença, a dor. Como avaliar uma criança desidratada sem saber como se pergunta se está urinando? Inclusive o intérprete, quando chegou, confessou que não sabia como falava isso. Ele conhece um pouco da língua, mas é de outra área, que fala diferente. Ele foi de muita utilidade nos três dias que ficou lá: coincidiu de chegarem 150 índios, com casos graves, os índios tiveram mais confiança quando viram que alguém falava, explicava. E para remover doentes tem que ter uma comunicação muito boa com a família o que só é possível com um intérprete.

Apesar da ajuda que nos deu ele se recusou a fazer a identificação / das pessoas. Tinhamos orientação através do rádio do Dr. Bruce e da Dra. Ivone de como proceder à identificação. Há estas alturas esta era feita com pedaços de frascos vazios de soro amarrados com um cordão e colocados no pescoço. Escrevia-se o número da Lâmina neste "cartão", mas os índios tiravam ou trocavam.

Teve horas que tinham garimpeiros, FUNAI, Polícia Federal, todos circulando pela enfermaria. E a alimentação era dada sem nenhum critério. Davam pra quem e quando queriam. Tiveram pacientes que não recebiam comida e estavam sem condições físicas de arranjar. E falta de comida não era, tinha muita. As vezes os agentes da Polícia Federal dava o que sobrava para as crianças. Aliás,

a P. F. quebrava todos os galhos lá. Conseguia até aviões pra sair da área. Se depender da FUNAI não consegue nem comida,

Normalmente a gente comia com garimpeiro, polícia federal, era rotina. Primeiro comia a P.F. depois os da FUNAI e por último os garimpeiros e eu. De quem era a alimentação não sei. Da FUNAI só pousou uma vez avião e deve estar lá até hoje, quebrado. Da F.A.B só pousou uma vez um Caravan e um helicóptero. aquele que me deu carona.

A FUNAI ali não existia. Tinha o "chefe" que era o Eleton, que funcionava conforme giravam os pinos soltos do seu cérebro, para um lado e outro. Mudava de normas a toda hora e só se relacionava com quatro índios jovens que andavam com ele o tempo todo.

A desordem é total. Os medicamentos que estão lá não tem data de validade, estão em péssimo estado de conservação. Ninguém sabe o que tem lá naquela bagunça. Faltaram medicamentos apesar de eu ter trazido de São Paulo e ter pego alguns em Surucucu.

Boa Vista, 02 de maio de 1990

Henrique Penna Medina - medico